



**UNIÃO DOS ESTUDANTES
COMUNISTAS**

COM A UEC
alargar a unidade
por um poderoso
movimento de massas

A mobilização das massas estudantis em torno dos seus problemas concretos e aspirações é, e sempre foi, a principal tarefa da União dos Estudantes Comunistas.

Fazendo-o, a UEC tem como objectivo a integração do Movimento Estudantil no Movimento Popular de Massas, única forma segura e certa para os estudantes darem a sua contribuição para a consolidação da democracia portuguesa a caminho do socialismo.

Nesta perspectiva, o Encontro de Delegados da UEC, reunido a 6 de Junho, aponta a todos os estudantes portugueses três direcções imediatas fundamentais de acção, capazes de contribuir para o objectivo central apontado:

1.º — **REFORÇAR O MOVIMENTO ASSOCIATIVO**, nomeadamente, fortalecendo a sua principal base organizada — as AAEE — enriquecendo o seu conteúdo e formas de acção, intensificando todas as frentes de participação dos estudantes no movimento que é seu;

2.º — **LUTAR PELA CONCRETIZAÇÃO DA REFORMA GERAL E DEMOCRÁTICA DO ENSINO**;

3.º — **PROMOVER A ACTIVIDADE CULTURAL, A PRÁTICA DO DESPORTO, DO CONVÍVIO E DO RECREIO**.

A UEC não pode ficar alheia ao engrossar da vasta corrente popular que se desenvolve na sociedade portuguesa, favorável à formação de um Governo de esquerda com a participação comunista e à realização de uma política de esquerda, assentes numa maioria de esquerda na Assembleia da República.

O Encontro de Delegados da UEC saúda a decisão do Comité Central do PCP de, nesta perspectiva e devido aos condicionalismos existentes, marcar uma posição autónoma e independente nas eleições presidenciais, promovendo a candidatura do camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP.

A UEC tudo fará para a criação de um amplo movimento estudantil de apoio à candidatura de Octávio Pato para a Presidência da República. Esta constituirá, na frente política, a direcção fundamental da actividade dos Estudantes Comunistas nas próximas semanas, na certeza da excepcional importância que este acto político tem para a institucionalização da democracia portuguesa, nos termos da Constituição ou seja no respeito das liberdades democráticas e das outras conquistas da Revolução, designadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário e da gestão pelos trabalhadores.

A UEC, ao apontar as suas propostas de acção revolucionárias, salienta que sendo elas comuns à esmagadora maioria dos jovens estudantes, constituem uma sólida base da sua própria unidade. Se a expressão mais organizada e segura da unidade estudantil continua sendo as múltiplas estruturas do Movimento Associativo, não é porém este o único quadro de cooperação e unidade dentro das escolas. O entendimento entre estudantes comunistas e socialistas teria (e já tem tido) repercussões positivas na situação estudantil, designadamente na travagem da ofensiva da direita reacçãoária.

Dados recentes parecem indicar que a JS procura, partindo de algumas posições conquistadas no M.A. e de alianças pouco claras, hegemonizar apressadamente, e partindo da cúpula, um Movimento Associativo, o que não poderá deixar de constituir um entrave a uma sólida e necessária cooperação.

Unidade de acção, a todos os níveis e em torno dos objectivos comuns; unidade das massas estudantis nas suas AAEE, reafirmando os princípios do M.A., nomeadamente a sua unicidade; unidade de todos os estudantes e organizações progressistas e antifascistas — tal é o caminho que a UEC propõe e para o qual procurará ganhar largos sectores da juventude estudantil.

II

ALARGAR A UNIDADE ESTUDANTIL REFORÇAR O M.A. TAREFAS DE PRIMEIRO PLANO

A) No Ensino Superior, pode assinalar-se, como traço essencial característico do movimento unitário estudantil, que o M.A. e as suas formas de organização mais provadas e estáveis — as AAEE — constituem o que de mais sólido existe de organização unitária da juventude estudantil universitária.

Apesar de graves debilidades que subsistem na organização do Movimento Associativo em numerosas escolas superiores, a situação dos últimos meses caracteriza-se por:

— certa estabilidade nas principais estruturas associativas num conjunto vasto de AAEE do país, afirmando-se progressivamente os métodos de discussão e decisão amplamente democráticos, consequência directa da derrota e isolamento dos grupos provocatórios e de caceteiros neofascistas do MRPP e da AOC;

— fortalecimento de actividade associativa em torno das seguintes direcções: prestação de serviços, acção recreativa, desportiva e cultural.

A UEC considera que tal situação, poderá e deverá conduzir a um reforço maior das AAEE em cada escola, nomeadamente em torno de 6 grandes objectivos:

1.º — a luta pela resolução dos graves problemas pedagógicos que afectam os estudantes e pela introdução de profundas transformações democráticas do ensino;

2.º — a diversificação do trabalho associativo, na luta por uma nova cultura, desporto, turismo e convívio de massas, que alarguem e consolidem a base de apoio às AAEE;

3.º — a luta pelo desenvolvimento da prestação de serviços do M.A., pela resolução dos problemas sociais dos estudantes;

4.º — a luta pela defesa das transformações democráticas já efectuadas na sociedade portuguesa e consagradas na Constituição;

5.º — a luta pelo reforço dos contactos e ligações das massas estudantis com o Movimento Popular, suas organizações e estruturas;

6.º — a acção tendente à intensificação dos contactos e da cooperação entre os estudantes portugueses e os estudantes de todo o mundo, em particular com os de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, bem como com aqueles que ainda estão submetidos a regimes fascistas.

A UEC considera que se abre o caminho no Movimento Estudantil para a criação de uma União Nacional dos Estudantes Portugueses, grande objectivo de todos os estudantes progressistas.

A nova situação do M.A. veio facilitar e incrementar os contactos entre as AAEE de todo o país e pode ser um primeiro passo para o desenvolvimento do trabalho federativo e nacional.

Os estudantes comunistas não pouparão esforços para ganhar para aquele objectivo as mais amplas massas estudantis que, deste modo, passarão a ter nas suas mãos uma arma decisiva na luta pela defesa das suas conquistas e dos seus direitos, na luta ao lado do nosso povo pela consolidação e avanço do processo revolucionário.

A UEC insiste que tal só será possível se a UNEP nascer de um amplo movimento de massas, com a divulgação e discussão em todas as escolas dos seus objectivos, formas de organização e processo de constituição, movimento que, ao mesmo tempo, desenvolva, aprofunde e consolide as estruturas associativas, através da participação larga, activa e unitária das massas estudantis.

A UEC denuncia e combate todas as tentativas que, através de mesquinhas manobras cupulistas, se propõem criar, repentinamente e nas costas dos estudantes, um organismo nacional ao serviço de uma qualquer cúpula partidária, incapaz de representar os estudantes portugueses, pólo de quereias, de manobras divisionistas e factor de uma progressiva e perigosa degradação do Movimento Estudantil.

O Movimento Associativo, as AAEE, as suas formas de organização federadas e nacionais, são conquistas dos estudantes portugueses na medida em que são conquistas das forças democráticas e progressistas. O Movimento Associativo foi levantado e defendido contra o fascismo e contra a direita — assim foi antes e após o 25 de Abril.

As forças reacçãoárias não estão de modo nenhum interessadas na defesa das conquistas estudantis ou das suas formas democráticas de organização. Se se lançam ao assalto do Movimento Associativo e nele, por vezes, logram penetrar, é apenas para dele se servirem, para o combaterem, para o destruírem.

Eis porque, quando a UEC se bate pela construção da UNEP, firmemente se ergue contra qualquer possibilidade dessa construção ser feita com a participação ou colaboração dos fascistas. Uma UNEP democrática só será possível contra a reacção, contra o fascismo.

No momento actual, o MA só pode ser defendido e fortalecido se os sentimentos democráticos e progressistas dos estudantes se traduzirem numa firme unidade de esquerda de todas as organizações democráticas estudantis. Cabe a estas forças a responsabilidade de favorecer e lutar por essa unidade. Unidade contra o fascismo, unidade contra a direita reacçãoária.

Se o fascismo é, como sempre foi, o maior inimigo e a maior ameaça aos estudantes portugueses, aos seus direitos e conquistas, ao Movimento Estudantil no seu conjunto, é também patente que o oportunismo de direita e o oportunismo de esquerda, actuando em conjunto ou convergindo por caminhos diferentes, são os grandes responsáveis pelas brechas abertas na **unidade estudantil** por onde se infiltram e instalam as forças reacçãoárias anti-estudantis.

A UEC não pode deixar de ver com sérias apreensões que haja quem pretenda, cego pela pressa de, no mais breve prazo, criar uma caricatura de UNEP, colocar em pé de igualdade associações que são já a expressão de uma grande e rica vida cultural, desportiva e associativa e associações do Ensino Secundário que, nas mãos do CDS, do PPD, do MRPP ou da FLA, mais não são que pequenos colos de arauceiros.

Pretender colocar, em plena igualdade, o Movimento Associativo do Ensino Superior e do Ensino secundário, é ignorar toda a necessidade de organização de estruturação e até de definição do próprio âmbito e características do M. A. do Ensino Secundário. Este, não pode sair da cúpula de um iluminado grupo político, mas tem que nascer das próprias massas estudantis. É ignorar os êxitos que os estudantes do ensino secundário estão já hoje a concretizar em numerosos pontos do País, ao encontrarem as suas formas de acção e de organização. E estas não estão a ser encontradas no diálogo com caceteiros fascistas, mas contra eles.

Consciente da decisiva importância da tarefa de construir a UNEP, a UEC apela a todos os seus militantes e simpatizantes, aos estudantes portugueses, para que passem decididamente à acção, fortalecendo a organização associativa a todos os níveis e, em primeiro lugar, as AAEE, em torno das grandes aspirações juvenis.

B) O traço fundamental no movimento unitário estudantil no Ensino Secundário, é o facto de, sobretudo após o 25 de Abril, **existir uma certa actividade de massas**, quer na frente reivindicativa pedagógica, quer na actividade recreativa, cultural e desportiva; porém **a esta actividade correspondem até agora uma ampla movimentação estudantil, mas não a solidificação de estruturas unitárias com um mínimo de estabilidade, operacionalidade e representatividade**. Têm-se revelado predominantes e muitas vezes mais adequadas, formas de organização conjunturais (comissões de lua, delegados de turma, etc.), criadas para objectivos concretos e imediatos, assumindo, nalguns locais, formas organizadas de enlace e coordenação.

Dentro deste quadro geral, são, no entanto, de assinalar, a eleição de numerosas Associações de Estudantes no ensino secundário. Em muitos casos, porém, tais direcções têm uma representatividade escassa ou nula e uma actividade muito pequena ou praticamente inexistente. É o que acontece com as direcções dominadas pelas forças reacçãoárias, que mais não são que instrumentos dessas forças, para levarem à prática uma actividade provocatória, sabotadora e de propaganda fascizante, ou até mesmo fascista.

Da própria vida, dos próprios problemas e aspirações da juventude estudantil no ensino secundário, ressaltam algumas das linhas fundamentais neste sector:

a) **criação de um amplo movimento recreativo, de convívio, desportivo, cultural, utilizando formas variadas, sem esquemas pré-concebidos e dentro da preocupação central da ocupação dos tempos livres da juventude do ensino secundário.**

b) **defesa e consolidação das conquistas estudantis** (designadamente a gestão democrática, o ensino unificado e o novo conteúdo de algumas matérias) e a luta pela resolução dos gravíssimos problemas pedagógicos que afectam todos os estudantes;

c) **defesa e imposição das liberdades democráticas**, nomeadamente a liberdade de reunião e de informação. É necessário dar um constante, enérgico e massivo combate aos grupos fascistas organizados nos partidos de direita (PPD, CDS, PDC, AOC, MRPP), e, por vezes também, contra a actuação limitativa do campo das liberdades realizada por certos Conselhos de Gestão onde o peso do reacçãoarismo é decisivo. Deve exigir-se que o governo e as autoridades escolares tomem firmes e enérgicas medidas para fazer respeitar a ordem democrática e combater os fenómenos neo-fascistas existentes em escolas do secundário;

d) **formação de uma consciência democrática na juventude estudantil**, dando particular realce ao combate e à denúncia do fascismo, do Imperialismo e do colonialismo, de todas as formas de exploração e opressão;

e) **combate e denúncia da droga, prostituição e pornografia**, como armas antijovens utilizadas pelas forças reacçãoárias, particularmente dirigidas para os jovens do Ensino Secundário, com vista a promover a sua corrupção e alienação da vida social. É de exigir das autoridades governamentais um firme combate a estas actividades, reprimindo os seus divulgadores e promotores.

Em torno destas direcções de luta, encontrando em relação a cada uma delas os objectivos concretos mobilizadores e as formas de organização adequadas, é possível começar a enraizar um sólido M. A..

III

LUTAR PELA REFORMA GERAL E DEMOCRÁTICA DO ENSINO

Após o 25 de Abril, conquistas e transformações importantes foram alcançadas no ensino e na vida das escolas, tais como as liberdades, a gestão democrática, as modificações de sentido progressista do conteúdo das matérias em vários graus de ensino e cursos, a criação do ensino unificado e a elevação do nível de alguns cursos na Universidade, o aparecimento, ainda que embrionário de formas de ligação do estudo e das actividades escolares com a vida e a luta do nosso povo.

Salienta-se de entre as transformações positivas operadas ao nível da instrução e da cultura, a gigantesca obra de fomento, de dinamização desportiva e de apoio às actividades juvenis em geral, num vasto movimento que conta já com a activa e entusiástica participação de algumas centenas de milhares de jovens de todos os graus de ensino.

Perante a grave crise que o fascismo nos legou no sector do ensino, tais transformações constituem importantes vitórias do Movimento Estudantil, das organizações estudantis progressistas e do próprio poder democrático.

Existem ainda, grandes distorções e dificuldades. No seu conjunto a crise do ensino não encontrou ainda solução. Esta só é possível no âmbito de uma política global de profundas transformações na instrução e na cultura, em simultâneo com a rigorosa aplicação das medidas positivas já definidas.

O relativo atraso que se verifica no campo do ensino, em relação à profundidade e importância das transformações revolucionárias patentes noutros sectores, é da responsabilidade das forças de direita infiltradas no aparelho de estado, onde realizam uma política de oposição sistemática, articulada com a actividade de provocação e sabotagem que nas escolas, é posta em prática por professores reaccionários e organizações fascistas com ramificações estudantis.

São estas as forças responsáveis pela permanência dos traços fundamentais da crise do ensino e por alguns aspectos que, sobretudo no Ensino Secundário, visam o seu deliberado agravamento. Provas disso constituem o não funcionamento ou a severa limitação do período escolar em numerosos liceus e escolas técnicas, em especial no recém criado 1.º ano unificado; funcionamento tardio e ainda assim incompleto e insuficiente dos primeiros anos das faculdades; incapacidade de organizar em tempo útil um Serviço Cívico Estudantil que realmente ocupe em tarefas ao serviço do povo, os estudantes que terminam o sétimo ano.

São ainda estas, as forças responsáveis por tentativas para liquidar algumas das conquistas e transformações revolucionárias realizadas no ensino. É o que se verifica com os esforços realizados para reduzir drasticamente as dotações orçamentais para as Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, em favor de novas Universidades tecnocratizadas; com os esforços para pôr em causa o 1.º ano unificado e os programas de certas disciplinas do Ensino Primário e Secundário; com os ensaios e, por vezes, com a efectiva reintegração de professores e funcionários fascistas saneados após o 25 de Abril; finalmente, às tentativas, em especial no Ensino Secundário, para pôr em causa a gestão democrática.

É particularmente grave e preocupante a definição pelo Secretário de Estado do Ensino Superior de medidas selectivas, que visam por um lado, impedir o acesso à Universidade dos filhos dos trabalhadores e, por outro favorecer uma política económica virada para a recuperação capitalista. Trata-se da tentativa de institucionalização do "numerus clausus", recusando ou protelando soluções que, sem apertarem ainda mais o crivo de acesso à Universidade definam saídas para os gravíssimos problemas de superlotação criados pela exiguidade e baixo número de instalações universitárias.

A situação actual exige uma política para a instrução e a cultura que crie um sistema de ensino apto a formar os quadros intelectuais e técnicos, dedicados à Revolução e às suas conquistas, capazes de impulsionar a nova economia rumo ao socialismo, nascida das nacionalizações, da Reforma Agrária e controlo operário da produção.

Esta política que a UEC designa por Reforma Geral e Democrática do Ensino, exige que a composição e a política dos órgãos de poder (designadamente o Governo) sejam de esquerda e traduzam uma maioria de esquerda na Assembleia da República. Por outro lado, esta política e a sua realização tem de ser impulsionada pelos estudantes e o seu movimento unitário, pelas organizações estudantis e pela intelectualidade progressista.

Como objectivos fundamentais de tal política:

— a UEC luta para que o acesso à educação seja amplamente facilitado aos filhos dos trabalhadores;

— a UEC luta pela extinção do analfabetismo e do obscurantismo em Portugal, defende o alargamento da escolaridade obrigatória, reclama uma melhor formação de professores, o incremento das construções escolares e o adequado apetrechamento dos estabelecimentos de ensino;

— a UEC defende o desenvolvimento da cultura nacional, a promoção da investigação científica e técnica, a liberdade de criação artística, o incentivo à literatura, às artes plásticas, à música, ao teatro e ao cinema;

— a UEC defende o apoio às acções culturais, artísticas e desportivas de massas, promovidas pelas organizações populares;

— a UEC opõe-se firmemente a falsas soluções para os graves problemas do ensino, nomeadamente a qualquer limitação de acesso à Universidade, feita através do "numerus clausus" ou de outros métodos mais subtis e refinados.

A UEC apela a todos os estudantes para defenderem firmemente todas as transformações progressistas já efectuadas, o Ensino Unificado, os programas progressistas do Ensino Secundário e Superior, a gestão democrática e os saneamentos de fascistas.

IV

DINAMIZAR E ALARGAR O "MOVIMENTO ALFA"

Uma outra direcção do trabalho de massas tem caracterizado e vai continuar a caracterizar a actividade da UEC. Trata-se de organizar iniciativas da juventude estudantil no campo desportivo, cultural, de convívio e de mobilização para o conjunto de tarefas da Revolução a que os estudantes podem dar um contributo importante. Desta forma, se fortalecerão os sentimentos progressistas dos estudantes portugueses e se poderão extrair todos os frutos da sua grande disponibilidade de luta.

Os Festivais da Juventude no dia 28 de Março, os colóquios, as festas, cantos-livres, as sessões culturais, excursões e trabalho nas cooperativas agrícolas realizadas um pouco por todo o país, são exemplos a que a UEC deverá dar continuidade.

O facto de muitas destas iniciativas terem sido preparadas com a UJC tem sido um importante factor de aproximação entre a juventude estudantil e a juventude trabalhadora.

A proximidade das férias vem colocar perante todos os estudantes progressistas uma questão: que fazer para contribuir neste período, para o avanço da Revolução e fortalecimento da aliança entre o Movimento Estudantil e o Movimento Popular?

A UEC responde ao empregar todos os seus esforços no lançamento de um amplo movimento estudantil de luta contra o analfabetismo: o "MOVIMENTO ALFA" (Brigadas Estudantis de Trabalho e Alfabetização).

O êxito ou fracasso desta iniciativa não vai depender, integral nem fundamentalmente, dos estudantes comunistas. Vai depender da capacidade de participação de todos os estudantes progressistas que, independentemente das suas ideias políticas ou filiações partidárias, estejam dispostos a colaborar com os comunistas na satisfação duma profunda aspiração por que luta e sempre lutou o povo português — a abolição do analfabetismo.

O "MOVIMENTO ALFA" não será, porém, aquilo que só estruturas governamentais com a mobilização de grandes esforços e verbas poderá fazer — acabar com o analfabetismo. No entanto, o "MOVIMENTO ALFA" irá demonstrar que é possível vencer a barreira do analfabetismo se, para tal, forem adoptadas ou impostas medidas revolucionárias que rompam o boicote e os entraves das forças reaccionárias.

O "MOVIMENTO ALFA" demonstrará a necessidade de concretização de um plano nacional de alfabetização, como factor fundamental de uma política de educação progressista, que vise romper definitivamente com a herança obscurantista legada pelo fascismo e impulsionar a democratização da instrução e da cultura.

O "MOVIMENTO ALFA" terá também como objectivos fazer pulsar a Universidade e as escolas com toda a vida social, ligar o estudo e as actividades escolares à vida do nosso povo, associar a vida escolar de todos os estudantes ao esforço colectivo de construção de uma sociedade mais justa. É necessário acabar com o ghetto universitário e pôr as imensas disponibilidades revolucionárias do Movimento Estudantil ao serviço do povo.

A preparação dos alfabetizadores, a demonstração prática da eficácia de métodos de alfabetização inovadores com provas já dadas, a organização de um vasto conjunto de iniciativas de dinamização cultural integradas nessa campanha, bem como de assistência sanitária, o apoio ao trabalho das populações, são algumas das tarefas que se colocam à partida a todos os estudantes dispostos a colaborar no "MOVIMENTO ALFA".

A partida para os campos, a participação lado a lado com os camponeses e assalariados rurais nos trabalhos da terra ou na construção de melhorias e benefícios para as populações, alfabetização, educação sanitária e dinamização cultural, são algumas das acções práticas que se colocarão nas férias, a todos os estudantes que se integrarem no "MOVIMENTO ALFA".

A UEC apela a todos os estudantes revolucionários, a todas as organizações progressistas da juventude estudantil para que se associem a esta iniciativa. Ela não terá o mesmo sentido se ficar restringida à acção dos estudantes comunistas e se houver qualquer limitação à participação de estudantes com outra formação ideológica e outra opção política. E, antes do mais, uma tarefa para todos os estudantes que querem defender, consolidar e fazer avançar a Revolução.

V

● A UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS é a opção natural de todos os estudantes que querem contribuir para o avanço do processo revolucionário rumo ao socialismo; para todos os que procuram o pleno desenvolvimento das suas capacidades de trabalho, de luta e a sua realização pessoal no quadro da actividade própria da juventude e na construção de um futuro melhor.

● Combatendo o sectarismo e as concepções elitistas, a UEC abre as suas fileiras a milhares e milhares de estudantes dispostos a lutar lado a lado com o povo português por um Portugal Democrático rumo ao socialismo.

● Pulsar com os sentimentos dos estudantes, dirigir e articular o movimento estudantil com a luta mais geral do nosso povo, numa palavra, reforçar a ligação às massas, é uma preocupação central da UEC.

● São cada vez mais variadas e complexas as frentes de acção e de luta dos estudantes comunistas e de todos os estudantes. Isto implica um vigoroso trabalho de elaboração da linha política e um conhecimento aprofundado dos problemas e anseios de toda a juventude estudantil.

● Há, assim, que incentivar a participação mais ampla de todos os camaradas na elaboração da nossa linha política.

● O Encontro de Delegados confirma a decisão da Comissão Central de convocar para o início do próximo ano lectivo um Congresso da UEC.

● Pelo papel determinante desempenhado pela UEC em todos os campos de actividade dos estudantes, a realização deste Congresso será da maior importância não só para os estudantes comunistas, como também para todo o Movimento Estudantil. Neste sentido, as suas principais resoluções serão, por um lado o resultado de um profundo debate interno e, por outro, as conclusões de um amplo diálogo com as massas estudantis do Ensino Superior e Secundário e expressão dos seus grandes objectivos e aspirações progressistas.

● Ao apresentar os grandes objectivos de luta dos estudantes no actual momento, a UEC tá-lo na certeza de estar a contribuir para uma mais ampla e sólida unidade e para o reforço do Movimento Estudantil, condição indispensável dos seus êxitos.

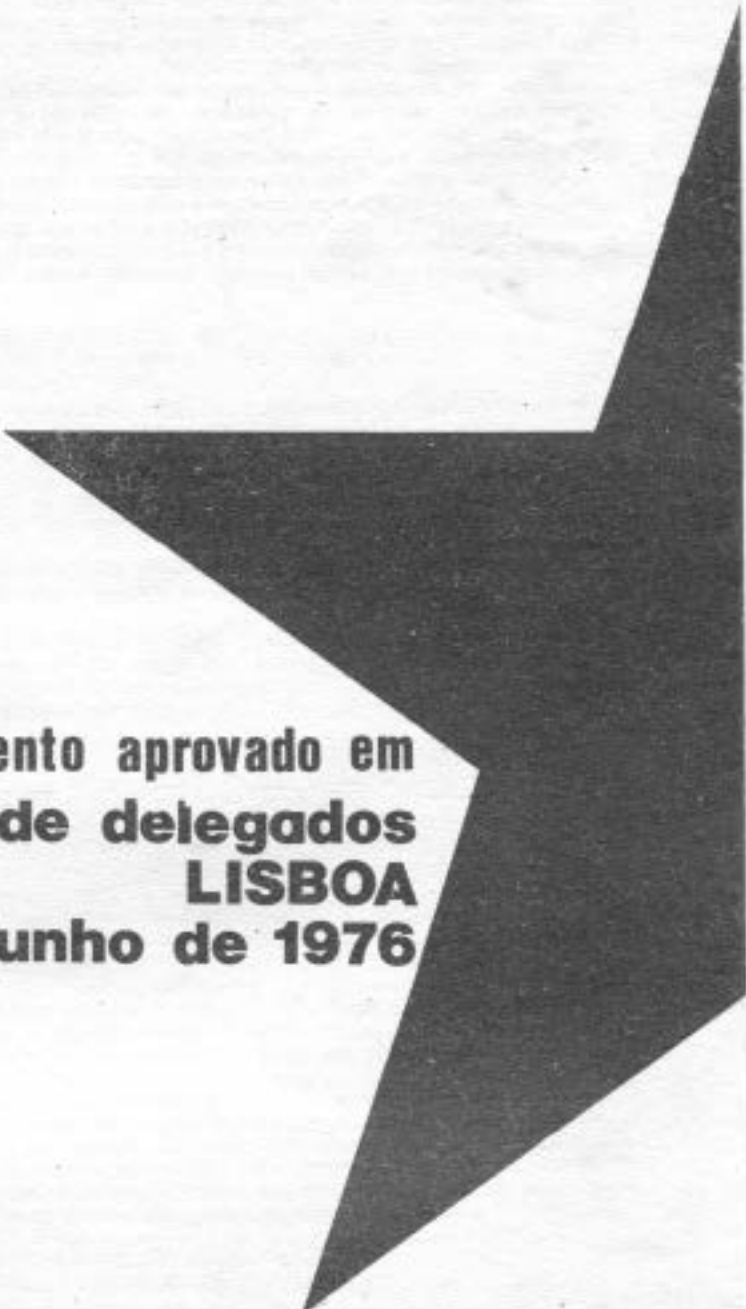
● A UEC apela pois, a todos os estudantes progressistas, às mais amplas massas estudantis, para que desenvolvam todos os esforços na luta pelo reforço da sua unidade, contra todos os que os pretendem dividir; na luta por profundas transformações democráticas do ensino e contra o analfabetismo.

● A UEC apela a todos os estudantes progressistas, para que desenvolvam todos os esforços na luta contra a reacção que, dentro e fora das escolas, procuram liquidar as liberdades e as grandes conquistas dos estudantes e do nosso povo.

● Os estudantes comunistas tudo farão, para que os objectivos aqui apontados sejam alcançados para que o Movimento Estudantil engrosse o caudal da luta das massas populares em defesa da Constituição e de um regime democrático rumo ao socialismo.

O ENCONTRO DE DELEGADOS DA UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS

Lisboa, 6 de Junho de 1976.



**documento aprovado em
encontro de delegados
LISBOA
6 de junho de 1976**
